Evento: XIII EGAL – Encuentro de Geógrafos de América Latina

Eixo temático: Población, géneros e identidades culturales: Grupos y prácticas culturales

Título: Imagens Geográficas, Contextos e Manifestações Culturais

Autores: AGUIAR, Carmen Maria[1] e MOREIRA, Eder Carlos[2]

Instituições: [1]Universidade Estadual Paulista (Unesp) – São Paulo – Brasil; e [2]Universidade Paulista (Unip) – São Paulo – Brasil

Comunicação: em Português

Resumo

Este trabalho tem como objetivo apresentar resultados preliminares de um projeto, denominado “Portal Digital da Diversidade Cultural”, que surgiu no âmbito de pesquisas sobre educação e cultura realizadas em diversas regiões do Brasil com o propósito fundamental de sistematizar e compartilhar, em um ambiente de acesso e controle coletivos (a Web), conhecimentos a respeito de espaços físicos, meio ambiente, práticas sociais e processos de educação associados a manifestações marcadas pela diversidade cultural. Hoje, tem servido de ferramenta que vem contribuindo também para uma reflexão mais conseqüente sobre o modo como se encontram os recursos naturais do planeta. Homem, natureza e cultura podem ser vistos em cenários, urbanos e rurais, expressando o modo como se encontram. O portal tem servido como ferramenta para professores, agentes culturais, gestores públicos etc., especialmente de cidades e regiões que, por sua localização geográfica, convivem com grandes dificuldades de acesso a informações organizadas, para propiciar olhares críticos sobre o tema. Mais do que reunir informações a respeito de manifestações culturais, a construção e a utilização desse portal é uma porta para reflexão e aprendizado coletivos. Grupos conservam tradições e, nem sempre, conservam os recursos ambientais, e vive-versa. Na área acadêmica, esse projeto tem proporcionado também um ambiente multidisciplinar, integrando conhecimentos de pesquisadores de diferentes áreas.

Palavras-chave: Cultura; Educação; Manifestações culturais.

Este trabalho tem como pano de fundo o estudo de manifestações culturais — entendidas aqui como as diversas formas de expressão cultural, independentemente de estarem associadas ou não ao trabalho, capazes de traduzir elementos de sociabilidade locais, existentes na vida cotidiana, e que revelem a presença do hibridismo cultural e as circunstâncias ambientais do lugar.

Neste texto são apresentados alguns resultados preliminares do projeto “Portal Digital da Diversidade Cultural” que surgiu no âmbito de pesquisas sobre educação e cultura realizadas em diversas regiões do Brasil com o propósito fundamental de sistematizar e compartilhar, em um ambiente de acesso e controle coletivos (a Web), conhecimentos a respeito de espaços físicos, meio ambiente, práticas sociais e processos pedagógicos associados a manifestações marcadas pela diversidade cultural, destacando-se dentre elas: festejos populares, dizeres, ritos, símbolos, culinária, arte e artesanato, crenças e rituais.

Certamente, vários outros recursos metodológicos — tais como pesquisa em documentos, mapas, livros, revistas, periódicos, vídeos, filmes, iconografias e outras fontes documentais — enriquecem o conhecimento do universo cultural em foco.

Depoimentos e comentários, provenientes das mais variadas localidades do território brasileiro, provocados pelo Portal — deixados por visitantes virtuais, ou enviados por meio eletrônico, ou manifestados verbalmente em ocasiões propícias, muitas vezes diretamente ao pesquisador presente em alguma manifestação cultural, ou ainda coletados por meio de observação e a pesquisa participantes — vêm permitindo novos caminhos para se refletir, decodificar, interpretar, buscar uma releitura, enfim uma possibilidade de reorientar o olhar, direcionando-o para outras perspectivas além das habituais impregnadas muitas vezes pelas marcas da dominação. Um resultado visível desses contatos reflete-se na elaboração de novos saberes pelos envolvidos nesse processo.

Nesse contexto, as imagens — representadas principalmente por meio de fotografias — cumprem papel de destaque no fomento ao debate, à reflexão e à ampliação da visão de mundo dos sujeitos participantes. Algumas dessas fotos são apresentadas ao longo deste texto,

ilustrando cenários, paisagens, manifestações culturais e práticas sociais observados em diferentes regiões do Brasil.

<table>
<tr><td> </td><td>A manifestação da cultura segue o caminho da pluralidade da vida.

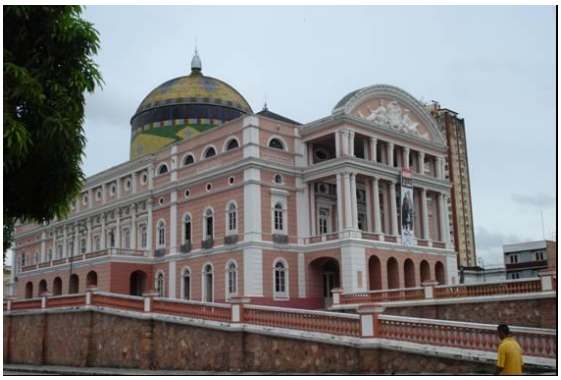
A festa do Aboio alinhava elementos híbridos e, por intermédio da cultura, carrega e expressa misturas de localidades diferentes.</td></tr>
<tr><td colspan="2">Nas fotos abaixo: cavalgada, cavalo marinho, jogo de argolinhas, corrida de jegues e missa de vaqueiro — juntas e misturadas, essas manifestações culturais expressam criatividade e possibilidades de convivência lúdica, religiosa e festiva, e refletem a sociabilidade dos participantes, oriundos de localidades às vezes muito distantes umas das outras.</td></tr>
<tr><td> </td><td> </td></tr>
<tr><td> </td><td> </td></tr>
</table>

O projeto de pesquisa do Portal, pela própria natureza de seu objeto, se aproxima de linhas de fronteira entre algumas áreas de estudo, em especial da Educação, da Antropologia, Geografia e da História. Atualmente diversos estudos têm enfatizado, por exemplo, a importância de os educadores conhecerem melhor a cultura brasileira, tendo em vista o processo educativo, a

ampliação do papel social e a melhoria da qualidade de vida e da Educação oferecida não apenas nas escolas como em outros ambientes em que também se persegue a formação dos indivíduos. Nessa direção, o reconhecimento de hábitos e costumes de uma cultura, caracterizados por elementos de diferentes etnias, contribui para resgatar símbolos e valores importantes para uma Educação formadora de seus cidadãos.

Em pesquisas e estudos, relacionados à área de Educação e Cultura, desenvolvido junto a comunidades (de caiçaras, de negros, quilombolas, de índios e ribeirinhos), evidencia-se o fato de que seus hábitos e costumes, presentes na vida cotidiana, marcam os modos de ensino e de aprendizagem dos seus membros, garantindo, em parte, a manutenção de tradições e de conhecimentos da população — que, dito de outra forma, se utiliza de mecanismos informais de educação, permeados por recursos pedagógicos ‘invisíveis’, que possibilitam a transmissão de seus valores e crenças.

As manifestações culturais congregam cultura e educação, em geral, conjugam crenças e brincadeiras, reúnem adultos e crianças, e utilizam a troca de saberes como veículo de sociabilidade entre os participantes, através de um processo social dinâmico, no qual diferentes elementos socioculturais servem como meio para o ensino e o aprendizado de tradições culturais.

<table>
<tr><td>
Artesanato reflete criatividade e riqueza cultural.</td><td>A população da região amazônica organiza a vida em meio às águas, enfrentando problemas e criando soluções para um ambiente em que diferentes realidades se mesclam ininterruptamente: urbana e rural, mata e grandes rios, turismo e sobrevivência.</td></tr>
<tr><td colspan="2">Os moradores locais conduzem seu cotidiano sem separar uma coisa da outra: arte, cultura, arquitetura, festejos, artesanato, vida na cidade e nas áreas rurais, plantas, animais, vastidão das matas e das águas.</td></tr>
<tr><td>
Posto flutuante de venda de combustível.</td><td>
Festa popular realizada em grande arena aberta.</td></tr>
<tr><td>
Animais silvestres são utilizados como propaganda de alternativas turísticas.</td><td> 
Teatro Amazonas, mostrado com orgulho pelos moradores da região.</td></tr>
</table>

O papel social do ensinar-e-aprender se revela, muitas vezes, em pequenas estruturas de trocas de símbolos, em situações e processos socioculturais, através dos quais fluem o saber e o ensino desses saberes e no

quais se destacam a utilização de recursos criativos e de uma ‘pedagogia invisível’ — processos esses também demarcados, convém notar, pela existência de uma estrutura interna de relações de poder/saber, conforme pode ser verificado, ainda hoje, em rituais festivos e religiosos, em diversas partes do mundo. Como o xamanismo entre os índios, o batuque entre os de negros e as folias entre os ‘miscigenados’.

Observa-se nos estudos sobre a trajetória histórica brasileira que ela está elaborada muito mais do ponto de vista europeu do que do mestiço. É o que afirma Santos (1999) em artigo publicado na Folha de São Paulo, em que também diz que “(...) a questão central que nos ocorre, sobre a nossa interpretação de nós próprios, nesses chamados 500 anos de Brasil, é a seguinte: é possível opor uma história do Brasil a uma história européia do Brasil, um pensamento brasileiro em lugar de um pensamento europeu (...). Não se trata de inventar de novo a roda, mas de dizer como a fazemos funcionar em nosso canto do mundo (...)”.

As formas metafóricas de resistência não parecem ser desenhadas nos moldes europeus. As especificidades da América latina de um modo geral e as do Brasil em particular foram vistas negativamente pelo olhar europeu. Em grande parte dos trabalhos sobre o trajeto histórico brasileiro pode-se observar, por exemplo, que atribuiu-se aos populares características de passividade, inação. Atualmente, diversos autores já apontam outras faces que também caracterizam os populares. “Os populares da América Latina, cientes de sua marginalidade e da dificuldade de superar esta condição, como uma das suas opções preferenciais, investiram sua energia nestas formas algo metafóricas. Valendo-se de formas alternativas de organização, participam intensamente de grandes festas como o carnaval e festividades religiosas (...)“ (Soihet, 1998).

	O encontro de Congadas reúne grupos de diversos municípios, e cada um, com seus recursos, cores, músicas, instrumentos, ritmos e crenças, expõe, a seu modo, os significados que atribuem à Congada, uma manifestação cultural marcada pelo sentimento religioso.

A aceitação das normas impostas pelos colonizadores era muitas vezes apenas aparente. Nas horas íntimas, lúdicas ou festivas, tais normas eram desditas pelos colonizados, quando reafirmavam seus valores, crenças e práticas. Tais ações revelam práticas alternativas de resistência. Muitos autores consideram a festa, realizada pela população, como um cenário importante e promissor para se observar mais profundamente os modos alternativos de resistência e expressão de sua visão do universo cultural dominante mesclado a elementos da cultura da população olhado do ponto de vista popular.

Ginzburg (1989) fala sobre a concepção de circularidade cultural, ou seja, a existência recíproca de influências entre culturas dos seguimentos subalternos e dominantes. O estudo de manifestações populares, em seu contexto histórico, possibilita ampliar nosso conhecimento sobre outros aspectos da vida, entre eles os saberes ligados ao mundo social, que se explicitam nos valores, regras e rituais. Thompsom (1992), que reconhece a contribuição dos "folcloristas e da antropologia social" para aumentar o conhecimento histórico, descarta a idéia de uma ação unilateral do poder sobre os dominados passivos e impotentes.

Autores como Di Nola (1987), Ramos (1934), Carvalho, (s/d), Castro (1992), Slenes (1991), Mello e Souza (1986), Reis (1989) e Bastide (1983) referem-se às formas negociadas, entre os detentores do poder e populares, que permitiam a manutenção de tradições e identidade culturais desses últimos. Por exemplo: festas eram promovidas pelos jesuítas quando se desejava trazer os índios brasileiros para a realidade religiosa imposta, como forma de descobrir como poderiam ser catequizados e de amenizar os riscos que o indígena poderia representar. Manifestações culturais de negros escravos, toleradas pelos senhores como diversões inocentes, tiraram os negros do isolamento, ao servir como uma espécie de disfarce que conquistou vizinhos, autoridades e os próprios senhores.

Foi importante e necessário procurar, a partir de documentos diversificados, às vezes inéditos, materiais que permitissem um estudo capaz de delinear um perfil renegado da das manifestações culturais, da ludicidade como modalidade de resistência desenvolvidas pelos populares (Soihet, 1998). Modalidade essa que parece ocupar um papel educativo, pois esse perfil crítico tecido muitas vezes pela via marginal, lúdica, festiva, permanece presente em manifestações culturais realizadas entre a população mais pobres de diversas partes do mundo.

As manifestações populares agregam diversos elementos que tomam formas lúdicas, muitas vezes permitidas apenas nesses eventos populares, revelando, entre outras coisas, a insatisfação do segmento popular e explicitando a relatividade das verdades e das autoridades que se encontram no poder. Esse universo simbólico, destacado principalmente nos festejos, nos momentos de entretenimentos diversos, pode possibilitar o flagrante de debates e

tendências que permaneceram durante o processo histórico e que ainda marcam de maneira viva a forma de vida cotidiana (Martins, 1998).

	Moradores organizados em função da identidade social local revelam resistência à demanda econômica que o turismo traz. Nessa área de lazer pública, por exemplo, moradores locais reivindicam direito de acesso ao rio de águas quentes, cujas margens foram cercadas para exploração turística.
	Várias são as divergências com moradores geradas pelo turismo. Nesse mesmo rio cercado, por exemplo, muros não contêm erosão das margens, de onde foi retirada vegetação nativa.
 Barracas utilizadas por turistas ocupam ilhas sazonais de um grande rio da região.	 Barco de propaganda desce e sobe esse rio, tocando música em alto volume, espantando animais e assustando moradores, segundo afirmam.

Bibliografia

AGUIAR, C. M. 2010. *Educação e Saberes – Correlação com a Natureza e a Cultura.* Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.

_____. 2003. “Uma Manifestação Lúdica Socioeducativa”. In: GUSMÃO, Neusa M. M. (org.) *Diversidade, Cultura e Educação: Olhares Cruzados.* São Paulo: Biruta.

_____. e CAMARGO, M. R. R. M. 2003. “Registros Alternativos de Saberes Culturais: Contribuição para a Formação de Professores”. *Formação de Educadores: Teorias e Práticas – Imagens e Projetos*. UNESP: Águas de Lindóia – SP.

_____. 2002. Comunicação "Registros Alternativos de Saberes Culturais". II Congresso Brasileiro de História da Educação: História e Memória da Educação Brasileira. Natal - RN.

_____. 2002. Comunicação "Recursos Sociais de Leitura e de Registro de Conhecimentos". IV Congresso Luso-Brasileiro de História de Educação: O Oral, o Escrito e o Digital na História da Educação. Porto Alegre - RS.

_____. 1998. “Educação, Natureza e Cultura: um modo de ensinar”. *Tese de Doutorado.* São Paulo: FE/USP.

_____. 1996. “Amarrando Diferentes Faces do Saber: cotidiano, brincadeira e educação do povo da Barra”. *Rev. Educação e Realidade*, v. 21, n. 2, jul/dez. Porto Alegre: FE/UFRGS.

_____. 1994. *Educação, Cultura e Criança.* Campinas: Papirus.

BASTIDE, R. 1983. *Estudos Afro-Brasileiros.* São Paulo: Perspectiva.

BERMAN, M. 1986. *Tudo que é sólido se desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras.

BOURDIEU, P. 2008. *A distinção: crítica social do julgamento.* São Paulo: Edusp.

BRANDÃO, C. R. 1983. *O Que é Educação*. Col. Primeiros Passos. São Paulo: Ed. Brasiliense.

_____. 1983. *Casa de Escola*. Campinas, Ed. Papirus.

CARVALHO, J. M. s/d. “O Rio de Janeiro e a República”. In: *Culturas e Cidades*. São Paulo: Ed. Marco Zero.

DA MATTA, R. 1983. *Carnavais, Malandros e Heróis*. Rio de Janeiro: Zahar.

DI NOLA, A. 1987. “Sagrado e Profano”. In: *Enciclopédia Einandi*. Lisboa: Imprensa Nacional, Casa da Moeda.

F. BOAS e outros. 1981. *La Funzione Sociale della Danza*. Milão: Savelli Editori.

FREYRE, Gilberto. 1958. *Casa Grande & Senzala: formação da família brasileira sob regime de economia patriarcal*. 9ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio. 2 vols.

FOUCAULT, M. 1970. *As Palavras e as Coisas*. Lisboa: Portugália.

GEERTZ, C. 1978. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Zahar.

GINZBURG, C. 1989. *Mitos, Emblemas, Sinais: morfologia e história*. São Paulo: Cia. das Letras.

JUNIOR, J. C. N. R. 1992. *A Festa do Povo*. Petrópolis: Vozes.

LÉVI-STRAUSS, C. 1975. *Totemismo Hoje*. Petrópolis: Ed. Vozes.

MARTINS, A. L. 1998. “Imagens da Conquista”. In: BESSONE, T. M. T. E QUEIROZ T. A. P. (ogs). *América Latina: imagens, imaginação e imaginário*. Vol. 8. São Paulo: Ed. USP.

MAZZOLENI, G. 1992. *O Planeta Cultural*. São Paulo: Ed. USP.

MELLO e SOUZA, L. 1986. *O Diabo e a Terra de Santa Cruz: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial*. São Paulo: Ed. Cia. das Letras.

RODRIGUES, E. M. 1996. “Ciência, Cultura e Modernidade”. In: ALFONSO-GOLDFARB, A. M. e MAIA, A. M. (orgs). *História da Ciência: o mapa do conhecimento*. Vol. 2. São Paulo: Ed. USP.

SANTOS, M. 1999. “O País Distorcido”. *Jornal Folha de São Paulo*, Caderno Mais, 02/maio.

SLENES, R. 1991. “Mangalu, Ngoma Vem: África coberta e descoberta no Brasil”. *Rev. da USO*, n. 12, dez/jan/fev/1991/1992.

SOIHET, R. 1998. “O Drama da Conquista”. In: BESSONE, T. M. T. E QUEIROZ T. A. P. (ogs). *América Latina: imagens, imaginação e imaginário*. Vol. 8. São Paulo: Ed. USP.

THOMPSOM, E. P. 1992. “Folklore, Antropologia e História”. *Entrepasados*, Ano II, n. 2. Buenos Aires.